

Notas sobre a expedição da Marinha norte-americana ao Paraguai e o exercício de diplomacia militar 1858-1859

Notes on the US Navy's expedition to Paraguay and the exercise of military diplomacy 1858-1859

Johny Santana de Araújo

Doutor em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

Professor Associado IV do Departamento de História da Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde é membro do Programa de Pós-graduação em História do Brasil (PPGHB/UFPI) e do Programa de Pós-graduação em Ciência Política (PPGCP/UFPI) e Editor-Chefe da Revista Contraponto do Departamento de História e Programa de Pós-graduação em História do Brasil. É sócio-correspondente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)

RESUMO

Em fevereiro de 1855, sob os auspícios de uma política ditatorial do Presidente paraguaio Carlos Antônio López, forças paraguaias do forte de Itapiru abriram fogo contra o navio norte-americano *Water Witch* e sua tripulação, que navegava em missão científica no Rio Paraná. Os reflexos desse desentendimento levaram o governo dos Estados Unidos, sob a presidência de James Buchanan, a enviar em fins de 1858, com aval do congresso, uma expedição naval a fim de forçar o governo paraguaio a uma reparação e um pedido de desculpas, bem como exigir a ratificação de um tratado de livre navegação e comércio com os Estados Unidos. O presente artigo pretende mostrar como se deu o referido processo. Dentre as fontes utilizadas estão: o relatório do comandante Page, os documentos de James Buchanan, a documentação diplomática e a bibliografia paraguaia sobre a dissensão.

PALAVRAS-CHAVE: Intervenção Militar, Paraguai, Marinha Norte-Americana, Política Externa, Bacia do Prata.

ABSTRACT

In February 1855, under the auspices of a dictatorial policy of the Paraguayan president Carlos Antonio López, Paraguayan forces fort Itapiru opened fire on the US ship Water Witch and her crew, sailing in scientific mission on the Parana River. The consequences of this disagreement led to the US Government under president James Buchanan sent in 1858 endings with approval of the Congress, a naval expedition to force the Paraguayan government to compensation and an apology, and as well as, require the ratification of a treaty of free navigation and trade with the US. This article shows how to set this process. Among the sources used are: Commander Page's report, James Buchanan's documents, diplomatic documentation and Paraguayan bibliography on the dissent.

KEY WORDS: Military Intervention; Paraguay; US Navy; Foreign policy; Prata Basin.

A CONSTRUÇÃO E O ESTABELECIMENTO DAS RELAÇÕES ENTRE OS ESTADOS UNIDOS E O PARAGUAI

Na história da formação dos estados nacionais na América do Sul um dos acontecimentos mais inusitados ocorreu entre fins da primeira metade do século XIX e o início da segunda metade deste. Um embate entre dois países que procuravam se estabelecer enquanto estados nacionais. No Hemisfério Sul, o Paraguai sob a égide de influência do Império do Brasil, e, na América do Norte, os Estados Unidos (EUA) enfrentando seus dilemas envolvendo a questão da escravidão e unidade nacional.

Este artigo pretende apresentar a partir de uma análise original sobre um evento que passou ao largo da história da América e, particularmente, da história do Paraguai e dos EUA, que pode ser caracterizado dentro do processo de construção dos estados nacionais no século XIX¹. O evento foi analisado mais recentemente por Araújo (2018), que tomou a origem da questão a partir da crise gerada entre os dois países; os desdobramentos militares com a organização de uma força naval estadunidense para atuar no Paraguai são apresentados neste trabalho.

Dentro dessa realidade, os EUA, como mantenedor dos ideais de democracia e liberdade e da doutrina Monroe, aproximavam-se cada vez mais da América do Sul, buscando participar das regras econômicas e das disputas comerciais que giravam em torno da bacia do Rio da Prata.

Quanto ao Paraguai, após a independência da Espanha, em 1811, seguiu um rumo tumultuado que quase o levou a ser anexado pela Confederação Argentina, até que no ano de 1814 um congresso recém-formado elegeu José Gaspar Rodríguez de

Francia como Supremo Ditador do Paraguai (FLECHA, 2013). O país sob os governos de Francia (1814–1840) e, posteriormente, de Carlos Antonio López (1842–1862) desenvolveu-se de maneira bastante diferente de outros países sul-americanos. Durante o regime de Francia foi imposto um forte isolamento dos vizinhos (YEGROS; BREZZO 2013, p. 35).

Com o Presidente Carlos López, o Paraguai experimentou um desenvolvimento econômico com uma relativa autossuficiência onde a maioria das indústrias era de propriedade estatal (ARECES; BOSIO, 2010). O regime de Carlos López caracterizou-se por um forte centralismo na produção e distribuição de mercadorias. Nessa conjuntura, os EUA se aproximaram, visando a, pelo menos, dois objetivos: o reconhecimento de uma nova república na América do Sul e o fortalecimento de laços comerciais no Hemisfério Sul, em uma zona bastante disputada comercialmente e politicamente por potências regionais como a Confederação Argentina, o Império do Brasil e por forças estrangeiras como Grã-Bretanha e França.

Pode-se afirmar um terceiro objetivo conjugado: a tentativa de se explorar zonas desconhecidas e que despertavam curiosidade científica, a missão que levou o navio *Water Witch* à bacia platina visava à exploração científica e o estabelecimento de uma política de amizade e comércio com os países da região (JUNQUEIRA, 2007, p. 334-349).

Os primeiros passos da aproximação dos EUA com o Paraguai se deram logo após a independência em 1811, que não resultou em sucesso (MORA; COONEY, 2007, p. 6). Em 1844, o Império do Brasil reconhecia oficialmente a independência do Paraguai (YEGROS; BREZZO 2013, p. 51) como uma medida de proteção à ameaça representada pela Confederação

Argentina e o presidente, Juan Manuel Rosas, que desejava reviver o antigo Vice-Reino do Prata; ameaça afastada após a intervenção do Império do Brasil em 1852 e a deposição de Rosas (DORATIO-TO, 2002, p. 25).

Com o fim da ameaça da Confederação à navegação acima do Rio Paraná, os EUA logo deliberaram uma política no sentido de reconhecer a soberania do Paraguai. Esse objetivo foi concretizado com o envio de um agente consular ao Paraguai, chamado Edward A. Hopkins, um aventureiro que havia servido junto à Marinha dos EUA como oficial de carreira. Segundo consta Hopkins era deslumbrado pelo eldorado representado pelo desconhecido da América do Sul, a sua intenção de se aproximar da região e do Paraguai era motivada também pelo desejo de enriquecer (PETERSON, 1942, p. 245).

Foi hábil o suficiente para se aproximar de políticos influentes em Washington, como James Buchanan que atuaria como um dos promotores do processo de reconhecimento. Hopkins foi enviado como agente especial em 1845 por Buchanan, que era então Secretário de Estado a fim de investigar as possibilidades de concessões comerciais (FLICKEMA, 1968, p. 54).

Além de seus deveres como agente comercial, Hopkins também assegurou, em 1851, a sua nomeação, pela segunda vez, como cônsul dos Estados Unidos no Paraguai, um posto lucrativo que detinha potencial influência na relação do Paraguai com os EUA. Hopkins foi autorizado a agir como um diplomata, com jurisdição para assistir cidadãos americanos no Paraguai e atuar como representante do país (CORRISTON, 1983, p. 16).

O Presidente Carlos Antonio López escreveu em 25 de fevereiro de 1851 ao Presidente dos Estados Unidos, Millard Fillmore, demonstrando a sua satisfação pessoal

pela nomeação de Edward Hopkins, como ministro. López considerava muito importante a missão de Hopkins como diplomata responsável pelo reconhecimento da independência do Paraguai em nome dos Estados Unidos (CARTA de Carlos Antonio López, Presidente del Paraguay al Presidente de los Estados Unidos, Millard Fillmore, 25/2/1851).

Em 28 de fevereiro de 1853, Hopkins estava em Assunção participando de uma solenidade em nome do governo dos EUA, que reconhecia oficialmente a independência do Paraguai (PARAGUAI, 1858, p. 6), e no início do mesmo ano se aproximou também de um grupo de empresários de Rhode Island que concordaram em apoiar um investimento industrial e comercial no Paraguai, para tanto foi criado uma companhia de navegação no Paraguai e negociaram uma franquia que permitiu o estabelecimento de várias empresas no país, a companhia chamava-se United States and Paraguay Navigation Company (SELSER, 1992, p. 7).

Ao manter contato com o Presidente Carlos López, Hopkins recebeu a garantia de que teria todo apoio para o estabelecimento de uma fábrica de cigarros, uma serraria, uma casa comercial, e o estabelecimento da companhia de navegação.

O FUNDAMENTO DA CRISE: A DISCÓRDIA ENTRE O CÔNSUL EDWARD HOPKINS E O PRESIDENTE LÓPEZ

Edward Hopkins nem sempre agia com cautela, chegando mesmo a ser advertido sobre o seu comportamento pelo próprio James Buchanan quando este ainda era Secretário de Estado do governo de James Polk (MOORE, 1909, p. 447).

Desde março de 1853, Hopkins havia integralizado acordos com a Confederação

Argentina e com o Uruguai (LEONARD, 1999, p. 228). Com o Paraguai, uma série de contratempos levou a uma demora na ratificação do tratado, e nesse espaço de tempo ocorreram os desentendimentos que levaram à ruptura do Presidente Carlos López e o Cônsul Hopkins.

Numa guinada de situação, o Presidente Carlos López se viu diante de pressões para assinaturas de acordos comerciais com as demais potências que mantinham navegação na região; López havia mudado completamente a sua política referente de permanência de agentes consulares, com atenção em especial aos EUA, em grande medida graças à própria animosidade criada por Hopkins. Certa ocasião Hopkins afirmou que as pessoas que cercavam o Presidente López não passavam de “[...] inúmeros parasitas e espiões” (LEONARD, 1999, p. 230).

Agregada à adversidade política no Paraguai, a tensão entre os dois aumentou quando um acontecimento particular agravou o desentendimento entre o Presidente Carlos López e o agente consular Edward Hopkins: em 21 de julho de 1854, o irmão do cônsul, Clement Hopkins, e a esposa do cônsul francês, Jean Guillemot, quando voltavam da cidade de San Antonio para Assunção, cavalgaram por entre um rebanho de gado, e, na ocasião, um soldado paraguaio chamado Agustin Silvero, que cuidava dos animais, teria agredido Hopkins com seu sabre, pois ele havia interferido com o movimento ordeiro do rebanho (LEONARD, 1999, p. 230).

Edward Hopkins ao saber o que havia acontecido se dirigiu furioso ao palácio presidencial, ao adentrar a sala do Presidente Carlos López, travou violenta discussão com ele, exigindo um pedido de desculpas e uma punição para o soldado. Carlos López mandou punir Silvero, mas recusou a exigência de Hopkins para di-

vulgar a condenação como um aviso sobre o que os paraguaios poderiam esperar se cometessem ofensas contra qualquer membro da comunidade dos EUA residente no país (LEONARD, 1999, p. 230).

A insatisfação de Hopkins e a pouca vontade de buscar uma solução razoável para a manutenção de boas relações entre os EUA e o governo do Paraguai foi objeto de comunicação feita pelo chanceler do Paraguai, José Falcón, ao seu colega norte-americano William Learned Marcy (OFÍCIO de José Falcón, Ministro de Relaciones Exteriores del Paraguay, al Secretario del Departamento de Estado Unidos, William Learned Marcy, 23/8/1854).

O incidente serviu apenas para acentuar as más relações entre os dois países. Carlos López emitiu imediatamente ordens que previam o confisco da fábrica de cigarros, da empresa de navegação e proibiam sua operação no Paraguai. Na guerra verbal que se seguiu com o chanceler José Falcón, Hopkins exigiu US\$ 3 mil de indenização pelos prejuízos causados pelos decretos de López contra a empresa. Hopkins sentiu-se traído pelo governo que ele afirmava ter defendido perante o mundo (LEONARD, 1999, p. 230).

José Falcón escreveu novamente a William Learned Marcy, afirmando que Hopkins continuava a resistir às medidas tomadas pelo governo paraguaio, em razão disso asseverou que o cônsul estava livre para deixar o Paraguai a qualquer momento (OFÍCIO de José Falcón, Ministro de Relaciones Exteriores del Paraguay, al Secretario del Departamento de Estado Unidos, William Learned Marcy, 3/10/1854). O desenrolar do desentendimento havia culminado com a revogação, em 1º de setembro de 1854, de sua Exequatur (credenciais diplomáticas) levando à sua expulsão e de sua família, que embarcou no navio *Water Witch*, atracado

a 20 de setembro em Assunção. O *Water Witch* seria protagonista de mais um capítulo da conturbada relação do Paraguai com os EUA nos meses seguintes.

De amigo do Paraguai e do Presidente López, ele se tornou inimigo ferrenho de ambos, Hopkins voltou aos EUA e novamente envolveu-se nos círculos oficiais do governo e, entre as intimidades do Presidente Frank Pierce, e depois James Buchanan, iniciou uma propaganda negativa contra o Paraguai, afirmando que, “[...] os sul-americanos eram bárbaros que deveriam receber tratamento adequado. Falar com eles é uma perda de tempo; precisamos conversar com nossos canhões” (YNSFRAN, 1954, p. 208). Suas críticas e o seu desejo por rever o que havia perdido acabaram encorajando uma intervenção militar dos EUA naquele país nos anos seguintes.

O ÁPICE DA CRISE: O ATAQUE AO WATER WITCH

Em 8 de fevereiro de 1853, a Canhoneira *Water Witch* da Marinha dos EUA zarpou de Norfolk, na Virgínia, para uma longa viagem de exploração e levantamento ao longo da costa atlântica da porção sul da América do Sul e dos rios que cortam essa parte do continente. A viagem do navio estadunidense à região do Prata havia coincidido com o fim do governo de Juan Manuel Rosas, após a vitória do Império brasileiro e de Justo José de Urquiza, governador de Entre Rios, na batalha de Monte Caseros em 1852 (LEONARD, 1999, p. 228).

Nos anos seguintes, o navio realizou pesquisas nos rios da Argentina, Uruguai e do Paraguai, mas, em setembro de 1854, houve a cassação das atividades de Hopkins, bem como foram suspensas as autorizações de passagem para o Rio Paraná e um decreto presidencial proibiu a

navegação para navios de guerra estrangeiros (YNSFRAN, 1954, p. 208).

Em 1º de fevereiro de 1855, o *Water Witch*, ignorando o decreto paraguaio, tentou forçar a passagem no Rio Paraná, a guarnição do forte de Itapiru, que controlava o acesso ao rio, ordenou que ele recuasse, com dois tiros de advertência. Diante da insistência do Tenente William N. Jeffers, que, no momento, comandava o navio foi dado mais um tiro de canhão que destruiu o leme, o disparo matou um membro da tripulação, o timoneiro Samuel Chaney. À deriva, a embarcação foi arrastada pelas águas, até a tripulação conseguir recuperar o controle, mas acabaram tendo que se retirar, encerrando a missão (PAGE, 1859, p. 304).

Após o ataque à Canhoneira *Water Witch*, houve uma série de protestos lançados pelo seu comandante, o Tenente Thomas Jefferson Page, apesar de seus apelos à legação norte americana em Buenos Aires, não surtiu efeito algum (PAGE, 1859, p. 314).

Passaria três anos até o novo presidente dos EUA retomar o assunto não resolvido com o Paraguai, um pedido de desculpas pelo ocorrido ao navio, o ressarcimento pelo prejuízo decorrente do encerramento dos negócios da companhia, uma indenização à família do marinheiro morto durante a ação da fortaleza de Itapiru, e, principalmente, a ratificação de um tratado de livre comércio entre os dois países.

Ainda seria feita uma tentativa de negociação com o Paraguai, que redundou em fracasso quando o Departamento de Estado enviou Richard Fitzpatrick como agente especial ao Paraguai em novembro de 1856. Fitzpatrick também supervisionaria a troca de ratificações do tratado de 1853, que agora continha 32 emendas acrescentadas pelo Senado dos EUA. Ao chegar a

Assunção, Fitzpatrick soube que López não tinha intenção de ratificar o tratado. López também solicitou que fosse enviado outro negociador para resolver o impasse (FITZGERALD, 2015, p. 75). Fitzpatrick retornou a Washington de mãos vazias.

ENTRE A NEGOCIAÇÃO E A GUERRA: A VIAGEM DA EXPEDIÇÃO MILITAR AO PARAGUAI EM 1859

Em sua mensagem anual ao congresso sobre o Estado da União em dezembro de 1857, o Presidente Buchanan enfatizou a importância de reafirmar a honra americana na região platina e de resolver a disputa (CORRISTON, 1983, p. 28).

Buchanan, em seu discurso, fez uso do argumento de agressão deliberada ao *Water Witch*, mas havia outros elementos, como a não assinatura do tratado de livre navegação, assunto do qual também fez uso para justificar a tomada de providências, dentro daquilo que o congresso dos EUA julgasse necessário. Buchanan expôs aos congressistas em minúcias todo o ocorrido com o *Water Witch*, expressando inicialmente que sua missão era:

[...] para determinar a capacidade do rio da Plata e seus afluentes para a navegação a vapor, o navio a vapor *Water Witch* dos Estados Unidos foi enviado para lá para [...] em 1853. Este empreendimento foi realizado com sucesso até fevereiro de 1855, quando, ao passo que permanecia em atividade pacífica na sua viagem pelo rio Paraná, o navio foi alvo de tiros de um forte paraguaio, o fogo foi devolvido, mas como o *Water Witch* possuía uma pequena força, e não era concebido para operações ofensivas, ele se retirou da ação. O pretexto sobre o qual o ataque ocorreu foi um decreto do Presidente do Paraguai de outubro de 1854, que proíbe os navios estrangeiros de guerra de navegar os rios desse esta-

do [país] (BUCHANAN, State of the Union 1857 - 08 December 1857).

James Buchanan igualmente informou ao congresso sobre os desdobramentos da questão que resultaram na não assinatura do tratado de comércio com os EUA, no qual dizia:

Eu lamento informar que o Presidente do Paraguai se recusou a ratificar o tratado entre os Estados Unidos e o Estado [do Paraguai] [...], a assinatura havia sido aludida na mensagem do meu predecessor na abertura da sessão do congresso em dezembro de 1853. As razões atribuídas para esta recusa aparecem na correspondência aqui submetida (BUCHANAN, State of the Union 1857 - 08 December 1857).

Os detalhes a respeito das justificativas do governo do Paraguai também foram apresentados, mas em contrapartida a alegação do Presidente Buchanan era a de que “Como o Paraguai, no entanto, é o proprietário de apenas um banco do rio de mesmo nome, o outro é pertencente a Corrientes, um estado da Confederação Argentina [...]” (BUCHANAN, State of the Union 1857 - 08 December 1857). Então, o direito a navegabilidade não era pertencente unicamente à República do Paraguai, ou seja, a outra parte do rio fazia limite com a Confederação Argentina. Portanto, o *Water Witch* não estava violando nada. Além de que o “[...] *Water Witch* não era, propriamente falando, um navio de guerra. Ele era um pequeno navio a vapor envolvido em um empreendimento científico e em geral destinado a obter vantagem comercial dos estados [...]” (BUCHANAN, State of the Union 1857 – 8 December 1857), na região do Prata.

O Presidente James Buchanan pediu então ao congresso o apoio para uma expedição militar contra o Paraguai, a fim de reaver a questão da assinatura do tratado,

um pedido de desculpas, uma indenização pela morte do marinheiro, e a proteção dos cidadãos norte-americanos que porventura ainda estivessem residentes no Paraguai:

Sob estas circunstâncias, [afirmou] eu sou obrigado a considerar o ataque ao navio [*Water Witch*] como injustificável e assim chamar para uma satisfação o governo paraguaio. Os cidadãos norte-americanos que também tinham negócios estabelecidos no Paraguai tiveram seus bens tomados e apreendidos, e de outra forma foram tratados pelas autoridades de maneira insultuosa e arbitrária, o que exige reparação (BUCHANAN, *State of the Union 1857 – 8 December 1857*).

A ação pretendida pelo governo norte-americano caracterizava-se então como uma tentativa de aplicação de força coercitiva. Por outro lado, a disposição conciliatória, característica da diplomacia, seria dada pela presença de um negociador, e, para tanto, o Presidente James Buchanan nomeou James B. Bowlin, um ex-congressista do estado do Missouri, que segundo Acosta, era “um homem de luz, de aparência nobre, aguçado e atinado, um juiz integralíssimo dos EUA onde alcançou grande reputação no fórum” (ACOSTA, 1939).

No âmbito diplomático, Buchanan acreditava que “[...] a demanda por esses fins será feita em um espírito firme, mas conciliador. [...]”. Mas no âmbito militar haveria atuação “Em caso de recusa [...]” (PAGE, 1859, p. 286). Nesse caso, seria o uso da força.

Uma campanha na imprensa norte-americana, no *New York Times*, procurava justificar a ação contra o Paraguai, observando que se havia má conduta de um cônsul, por outro lado, a honra americana havia sido atingida, então era necessário

o Paraguai apresentar suas desculpas aos EUA pelos incidentes. Pois, segundo as palavras do jornal, eram os referidos “[...] incidentes que afetam materialmente a dignidade e influência dos Estados Unidos, e que exigem intervenção imediata” (*New York Times*, 13 de setembro de 1858, p. 4).

Havia diferentes percepções sobre a expedição ao Paraguai, segundo Smith e Bartlett, possivelmente Buchanan queria demonstrar “[...] que os Estados Unidos tinham a vontade e o poder para fazer cumprir a Doutrina Monroe” em razão dos crescentes interesses econômicos europeus na área (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 289).

Mas dentre as razões que teria levado Buchanan a enviar uma expedição naval dos EUA ao Paraguai, supostamente seria distrair a opinião pública americana dos reais problemas internos que afligiam o seu governo (SMITH; BARTLETT 2009, p. 287–290).

O semanário *Harper’s Weekly*, em um artigo de fevereiro de 1858, chamado “Perspectivas de uma guerra estrangeira”, observou as dificuldades pendentes com o Paraguai e outros estados sul-americanos, e assegurou que:

[...] enquanto uma guerra estrangeira seria, em quase todas as circunstâncias, popular entre as massas deste país, teria, apenas no momento, a vantagem singular de desviar a atenção da controvérsia da escravidão – uma consumação que o presidente deve desejar obtivermos (*Harper’s Weekly*, 20 de fevereiro de 1858, p. 114).

Em 1858, o Congresso dos EUA autorizou o envio de um esquadrão naval ao Paraguai a fim de buscar reparação pelo bombardeamento do *Water Witch* em 1855. Com uma dotação financeira de US\$ 10.000

para o envio do esquadrão naval, composto por 19 navios de guerra, incluindo 11 navios a vapor, com 200 canhões, 2.500 marinheiros e apenas 291 fuzileiros navais, o comando da expedição foi dado ao comodoro William B. Shubrick². Esta flotilha representou a maior força naval já montada pelos EUA até aquele momento para uma ação tão distante (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 286). Somente o desembarque em Vera Cruz durante a guerra com o México, em 1848, havia reunido tantos navios e homens em uma ação dessas.

A expedição naval também seria um dos primeiros exemplos significativos de tentativa de projeção de poder a fim de impressionar não só o Paraguai, mas também outros estados da América do Sul, possivelmente o Império do Brasil e a Confederação Argentina, além das grandes potências europeias. Mas não impressionou a Inglaterra, pois havia indícios de que a Grã-Bretanha poderia equipar um esquadrão similar em semanas em contrapartida aos norte-americanos, que levaram meses para se prepararem (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 289).

Buchanan ordenou à Marinha que constituísse uma força que pudesse obrigar o cumprimento das exigências ao Paraguai. No entanto, apenas um par de navios o *Fulton* e o próprio *Water Witch*, partiu de Norfolk em 17 de outubro de 1858, a maioria das embarcações que se juntaram a eles pertencia a um esquadrão da Marinha dos EUA estacionada no Brasil³, os demais navios leves, de diferentes tipos, a vela e a vapor,⁴ estavam alocados em outros lugares. Assim, os 19 navios que formaram a expedição navegaram separadamente rumo ao sul. O *Sabine*, que transportou o comissário Bowlin para Buenos Aires, não foi considerado parte da frota de combate, como ele não foi projetado para subir o rio não tomaria parte

na expedição contra o Paraguai (EXPENSES Paraguay Expedition, House of Representatives, 36th Congress, 1st Session, Doc. Nº 86, 11/05/1860, p. 141-142).

No discurso do Estado da União de 1859, o Presidente James Buchanan afirmou: “As despesas inteiras da expedição foram custeadas pelas dotações comuns para o serviço naval, exceto a soma de US\$ 289.000, aplicada à compra de sete dos vapores que constituem uma parte dela” (BUCHANAN, State of the Union 1859 – 19 December 1859). A expedição de alguma forma havia sido montada dentro de um imprevisto, o que reforça a afirmação dos ingleses sobre a real capacidade de uma operação dessa natureza.

Apesar das dificuldades, a imprensa em Nova York nutria os leitores com informações sobre a crise com o Paraguai, ao tempo em que acirrava os ânimos da sociedade a respeito dos preparativos da Marinha para a expedição. Com uma manchete que dizia “Os navios se reúnem para a expedição ao Paraguai”, o *New York Times* informava aos leitores sobre os preparativos da viagem, destacando a capacidade intimidativa dos navios que tomariam parte do esquadrão.

WASHINGTON, domingo 10 de setembro – Os vapores *Fulton* e *Water Witch* [...], que formam parte da expedição ao Paraguai, estão prontos para o mar e provavelmente vão sair amanhã para Norfolk. Canhões de calibre muito pesado foram selecionados para ambos os navios, o armamento do *Fulton* é composto por um canhão para projétil de onze polegadas [montado] em um pivô, e quatro de nove polegadas nos bordos, [...] a capacidade de tiro do *Water Witch* é de um canhão para projétil de nove polegadas [montado] em um pivô. Além disso, o *Fulton* vai levar dois obuses embarcados, e o *Water Witch* três, um dos quais é um pesado de

vinte e quatro libras, montada sobre um pivô na proa. Ambos os vasos estão supridos com pequenas armas e munições dos tipos mais aprovados, incluindo os mosquetes Sharp e Minnie, e revólveres. (*New York Times*, 20 de setembro de 1858, p. 1).

Os navios da expedição somente agruparam-se após a chegada em Montevideú; na ocasião o comodoro Schurbrick tomou o controle direto sobre o Esquadrão do Brasil, assumindo todas as responsabilidades de comando. Antes de qualquer operação ser iniciada ou qualquer contato ser feito com o governo do Paraguai, uma estratégia tinha que ser definida e coordenada (CORRISTON 1983, p. 49). Foi feita uma revisão de todos os relatórios disponíveis, a fim de avaliar com precisão a situação política e militar que o esquadrão americano iria enfrentar.

ENTRE HOSTILIDADE E NEGOCIAÇÃO

Segundo Flickema, os jornais no Rio da Prata expressavam grande preocupação com o perigo iminente de um conflito entre os EUA e o Paraguai por causa da reunião da força naval americana no estuário do Rio da Prata, o que levou o embaixador americano no Brasil a notificar o secretário Lewis Cass em Washington que “grande emoção prevaleceu sobre o tema da nossa expedição” (1968, p. 49). Mas informou também que os jornais “fervilhavam com comentários hostis, alertando a todas as nações [...] nossos supostos projetos” (FLICKEMA, 1968, p. 49).

A reação de hostilidade foi por parte dos uruguaios, que temiam com a possibilidade de haver intrigas internas após a chegada da frota norte-americana em Montevideú, o que levou o comissário Bowlin a entregar pessoalmente uma explicação ao governo uruguaio sobre os

objetivos e as reivindicações dos Estados Unidos (CORRISTON, 1983, p. 52).

Enquanto a imprensa ocupava-se com a previsão da guerra e a divulgação de inquietantes rumores conspiratórios, os governos da Confederação Argentina e Uruguai ofereciam separadamente para mediar as diferenças entre os EUA e Paraguai. O Império do Brasil ansiosamente despachou um diplomata para o Paraguai, na tentativa de implementar a sua oferta de mediação (FLICKEMA, 1968, p. 49). A Confederação Argentina se fez representar na figura de seu Presidente Justo José Urquiza e o Brasil por Jose Joaquim Tomás do Amaral.

George Augustus Peabody, viajante norte-americano de passagem pela região do Prata, narrou em seu diário a chegada da esquadra norte-americana ao Rio da Prata.

Os grandes navios de guerra, o “Sabine”, “St. Lawrence” e uma fragata francesa e alguns outros barcos, estão ancoradas a uma certa distância de Cerro, e a 2 milhas de nós. Há muitos grandes barcos e navios a vapor aqui, muitos navios de guerra. Entre os norte-americanos são o “Preble”, “Falmouth” e o navio de abastecimento “Supply”; o resto do esquadrão está a montante, onde o Comodoro e o Comissário irão ter com Lopez: Há também navios de outros países, um espanhol, dois franceses, e ingleses e não sei quais outros (PEABODY, 1970, p. 3; 13-14).

Após o descansar em Montevideú, a força norte-americana iria começar uma viagem de aproximadamente 1.600 quilômetros. O navio mais lento da frota de Schurbrick, o M. W. Chapin, havia chegado em 29 de dezembro de 1858, portanto estava muito atrasado.

Foi organizada uma vanguarda de seis navios de guerra, uma pequena parte da frota, que iria continuar a viagem com

Shubrick, eram os Brigues Perry, Bainbridge e Dolphin, e os Vapores Harriet Lane, Water Witch e Fulton. Este último passou a ser o navio capitânia do comodoro (El Semanario, 1º de janeiro de 1859, p. 2). No dia de ano novo de 1859, os seis navios começaram a subida do Rio Paraná, a primeira etapa na longa viagem rio acima para o Paraguai. Nessa jornada, os navios a vapor rebocaram os brigues de vela (CORRISTON, 1983, p. 52).

A maior parte da frota americana encontrou muita correnteza ao subir o rio e o que representava uma dificuldade para a realização de uma operação militar de maior vulto, sendo assim, a força norte-americana, teoricamente, não representava nenhuma ameaça direta para o território paraguaio (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 286).

O comodoro Shubrick foi informado que uma enorme corrente havia sido estendida no Rio Paraguai, bloqueando o acesso a todas as embarcações não autorizadas. Outra informação indicou que o governo paraguaio estava decidido pela guerra, caso fosse necessário. Esse tipo de informação indicava claramente o efeito moderado que a abordagem da esquadra norte-americana estava tendo sobre o governo paraguaio (CORRISTON, 1983, p. 53).

Seria difícil aquilatar o resultado do embate entre ambas as forças, principalmente se levarmos em consideração que parte do arsenal de defesa dos paraguaios ainda se encontrava em desenvolvimento, mas naquele momento as fortificações de Itapiru já eram razoavelmente consideráveis, e em torno da fortaleza Humaitá era bastante respeitável. Segundo as percepções de George Thompson,

“Lopez I [Carlos Antonio Lopez] mandara fortificar uma curva do rio Paraguai, perto da embocadura, com algumas baterias que eram lentas, porém continuamente reforçadas, e

cuja retaguarda era defendida por uma trincheira. Estas baterias dominavam a inteira curva do rio, e todo navio tinha de deter-se e pedir permissão para prosseguir viagem rio acima” (THOMPSON, 1968, p. 31).

Depois de três dias, os navios americanos chegaram à cidade argentina de Rosário, e houve um encontro com um transporte carregado com carvão. Enquanto Shubrick fazia arranjos para o armazenamento do carvão, uma mudança favorável de vento do sul permitiu que os brigues navegassem rio acima a vela (CORRISTON, 1983, p. 52). O Water Witch e o Fulton deixaram a frotilha e subiram o rio com o comissário Bowlin e o comodoro Shubrick.

Na frota, enquanto se aguardava a assistência do navio Harriet Lane, em 12 de janeiro, um vapor de rio passou a frente do navio capitânia norte-americano, estava transportando Justo Jose de Urquiza, o presidente da Confederação Argentina. Este de fato havia embarcado em uma missão pessoal de mediação, numa tentativa de neutralizar a crise iminente entre os Estados Unidos e Paraguai (CORRISTON, 1983, p. 56). Quando da chegada de Shubrick e Bowlin na cidade de Paraná, capital da Confederação Argentina, Justo José Urquiza havia oferecido ajuda para mediar a disputa (DENISON, 1862, p. 332), mas o comissário recusou, temendo que uma intervenção externa compromettesse as negociações (CORRISTON, 1983, p. 56).

De alguma forma o comissário Bowlin fez uma reavaliação, pois havia observado que o General Urquiza estava profundamente interessado em uma solução pacífica entre as partes em conflito, e pela sua destreza e sua influência sobre López, a sua mediação contribuiria em grande medida para um resultado desejável aos norte-americanos

(DENISON, 1862, p. 332). É possível que, após a oferta amigável de assistência de Urquiza e de seu governo, a tensão e ansiedade sentidas pelos oficiais americanos tenham sido aliviadas um pouco (CORRISTON, 1983, p. 56).

Thomas Page, o capitão do *Water Witch*, também fazia parte da expedição, compunha o grupo de oficiais que elaborou o planejamento da operação. Sempre “enraivecido, Page culpava obviamente o governo paraguaio pelo malsucedido na expedição” (MOREIRA, 2013, p. 33). Em suas palavras deixou claro que naquele momento a sua função seria as operações militares, mas a sua missão original era a conclusão dos relatórios científicos que havia iniciado anteriormente.

Meus deveres estão relacionados com a construção das cartas da expedição anterior, e têm reivindicado minha atenção neste momento, e, antes de sua conclusão, os meus serviços exigidos pelo Departamento da Marinha são na organização da força projetada para operar contra o Paraguai na demanda de reparação contra esse governo, eu estou detido por ordem do Secretário para essa tarefa (PAGE, 1859, p. 22).

Page acreditava que a sua participação na expedição o possibilitaria ampliar mais ainda as informações a respeito da Bacia do Prata.

A posição a mim atribuída sob o [comando do] [...] Almirante W. B. Shubrick, como o capitão da frota do Esquadrão do Brasil e da Expedição do Paraguai, me permitirá aplicar minhas melhores energias para a realização dos grandes objetivos em vista; e quando estes tiverem sido obtidos, eu tomarei com otimista esperança à conclusão final do trabalho não menos importante, a continuação da exploração dos afluentes do La Plata (PAGE, 1859, p. 22).

No Paraguai, tal como nos Estados Unidos, uma campanha patriótica foi perpetrada com a divulgação de notícias sobre a decisão de que o governo Paraguai lutaria se fosse necessário (CORRISTON, 1983, p. 56). O jornal *El Semanario*, órgão oficial do governo, reafirmou a inocência do governo do Paraguai na disputa com os norte-americanos, colocando a culpa pelas dificuldades em Edward Hopkins e na empresa que ele representava, a *United States and Paraguay Navigation Company* (*El Semanario*, 3 de janeiro de 1859, p. 3).

Ao demonstrar a sua vontade de lutar, o governo do Paraguai pareceu cortar qualquer caminho para uma solução pacífica. Assim, quando o comodoro Shubrick chegou a Corrientes, a sua principal preocupação foi ter cuidado para não cometer qualquer excesso em suas ações, pois isto poderia decidir entre a paz e a guerra (CORRISTON, 1983, p. 57).

López compreendeu o dano econômico que um bloqueio poderia causar, pois esse era o plano caso as negociações falhassem. Assim, ele procurou adotar uma atitude conciliatória (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 286), e permitiu a passagem dos navios até Assunção.

Quando o *Fulton* se aproximou de Humaitá, onde se localizavam as principais defesas do Paraguai, foi dada a ordem para a tripulação tomar posições, e prepararem as armas. Os norte-americanos ignoravam a recepção que os esperava, não sabiam se seriam autorizados a passar, ou se seriam alvejados caso eles tentassem fazê-lo. Um dos marujos do *Fulton* relatou que “A bandeira de listas horizontais paralelas de branco, vermelho e azul do Paraguai estava hasteada a distância, vibrando por entre as árvores, e depois de passar uma curva extensiva no rio, as fortificações foram vistas” (DENISON, 1862, p. 333). Uma viva descrição sobre a for-

taleza de Humaitá, inclusive de seus canhões, foi feita pelo marinheiro do Fulton, segundo ele, havia,

Dezesseis aberturas sinistras e ameaçadoras que poderiam nos conter apontando para [...] cima de nós [...], que parecia seguir o movimento do navio com uma precisão que nem sempre é agradável sob circunstância semelhante. Estas aberturas são da bateria da casamata, construída na beira, mas muito profunda, e defendida por uma artilharia formidável de seis armas novas de oito polegadas. [...] à direita apareceu quatro ou cinco baterias em barbetas de construção de tijolo e uma montagem para todo tipo de arma, de umas 24 polegadas (DENISON, 1862, p. 333).

O marujo detalhou sobre a disposição dos quartéis e das tropas que guarneciam a fortaleza; a grandeza desta já impressionava bastante na época,

[...] à esquerda da casamata descobrimos uma estrutura mais substancial, [...]: vinte e cinco baterias para armas de trinta e dois e vinte e quatro libras, além de dois de oito polegadas. Quartéis espaçosos mostravam que nenhuma força média defendia o lugar e, embora não houvesse nem a perturbação nem o transtorno de homens correndo para suas armas, ou a formar batalhões, eu [...] vislumbrei uma massa [de soldados] que nos aguardava [...]. [Mas] Nenhuma das baterias [...] foi ocupada, exceto a casamata, cujas armas grandes estavam preparadas para [nos] varrer [...] (DENISON, 1862, p.333).

Em 16 de dezembro de 1858, Urquiza chegou à Assunção, trazendo com ele o General Tomás Guido que em proveito da situação atuou como plenipotenciário para discutir um tratado de limites permanente com o Paraguai na região do Chaco (YEGROS; BREZZO 2013, p. 65).

Em 10 de janeiro de 1859, a Canhoneira mista Araguari, comandada pelo Primeiro-Tenente Francisco José Coelho Netto, conduziu em caráter oficial o Ministro residente “[...] Jose Joaquim Tomás do Amaral, [...] que em 14 do mesmo mês apresentou suas credenciais” (ACOSTA, 1939).

Em 18 do mesmo mês, também chegou a Assunção outra canhoneira brasileira, a Anhambaí, e no mesmo dia um navio de guerra francês, o Aviso Bisson comandado pelo Tenente “Ernesto Mouché, dirigindo a bordo o Sr. Lefebvre Bécourt, enviado extraordinário e plenipotenciário do Imperador da França, [...]”. Que segundo ele, a França “[...] não poderia ficar indiferente a este novo conflito” (ACOSTA, 1939). O Fulton e o Water Witch chegaram a Assunção em 25 de janeiro de 1859. Bowlin desembarcou para conduzir negociações com o Presidente Carlos Antonio López (El Semanario, 29 de janeiro de 1859, p. 2).

Ao encontrar-se com López, Bowlin adotou uma atitude conciliatória. Ele ofereceu tudo o que fosse necessário para traduzir para o espanhol os documentos. Uma vez oferecida essa opção, López dispensou essa exigência (El Semanario, 29 de janeiro de 1859, p. 2). A assinatura do tratado permaneceu como prioridade para Bowlin, ele também explanou as suas instruções relativas à reivindicação de Hopkins. Bowlin rapidamente percebeu que a reclamação de danos seria a questão mais difícil de lidar. Hopkins havia solicitado uma quantia de US\$ 935.000, mas Bowlin tinha a autoridade para resolver a questão por US\$ 500.000 (MORA; COONEY 2007, p. 18-20). Caso López se recusasse a chegar a um termo, ele poderia sugerir uma comissão de arbitragem a fim de fazer com que o Paraguai reconhecesse “a sua responsabilidade

junto a companhia” (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 286). López queria que a comissão se reunisse em Assunção, mas Urquiza o convenceu com dificuldade de que era melhor em Washington (ACOSTA, 1939).

Até a conclusão das negociações, Bowlin acabou deliberando que as alegações da empresa não tinham mérito. Ele convenceu López que uma comissão de arbitragem poderia funcionar a favor do Paraguai, e não incluiria o reconhecimento estipulado de responsabilidade civil, e até mesmo testemunharia em favor do Paraguai. O Presidente Carlos López concordou em pedir desculpas pela ação contra o *Water Witch* e pagar a quantia de US\$ 10.000 (dez mil dólares) aos herdeiros do Marinheiro Samuel Chaney, além de assinar um novo tratado, que seria idêntico ao de 1853. Com as demandas de honra satisfeitas, o governo dos EUA considerou a questão resolvida (SMITH; BARTLETT, 2009, p. 287).

As negociações com o Paraguai foram concluídas em uma quinzena. É possível que a afirmação feita por Thomas Page, três anos antes, fosse certa, de que uma demonstração de força resolveria a questão por conta da força naval, mas o bom senso prevaleceu.

Durante o brinde pelo sucesso da expedição, um oficial norte-americano ergueu uma taça transbordando e em um acesso de exuberância geopolítica, disse: “Eu levanto minha taça [...] porque as nossas dificuldades com o Paraguai estão concluídas e, finalmente, terminaremos anexando todo o Rio de la Plata” (YNSFRAN, 1954, p. 42). Dificilmente isso aconteceria, e o problema que chegou ao Paraguai, no início de 1859, foi contornado pelo Presidente Carlos López sem ter colocado a soberania de seu país em risco.

Sobre a questão, o *New York Times*, em 18 de abril, confirmou que o assunto havia sido resolvido amigavelmente através dos

bons serviços do Presidente da Argentina, General Justo José de Urquiza (*New York Times*, 18 de abril de 1859, p. 4).

Em relação à *United States and Paraguay Navigation Company*, as demandas exigidas por seus acionistas resultaram em um longo processo contra o governo paraguaio. A contenda acabou levando o chanceler Berges a viajar até os Estados Unidos para resolver a questão, que, segundo Centurion, “com sua energia, habilidade e tino [...] alcançou o mais completo êxito na difícil missão que se havia confiado [...]”; para Centurión, “a fala dos árbitros foram favoráveis ao Paraguai, declarando-se que não tinha esse que abonar a companhia nenhum centavo de indenização” (CENTURIÓN, 1894, p. 192). As reclamações e queixas e exigências, referentes a compensações haviam sido negadas. A comissão de arbitragem, finalmente, decidiu em 1860 que o Paraguai não devia nada a Hopkins e seus associados (SMITH; BARTLETT 2009, p. 287).

Pode se intuir que o presidente Carlos Antonio López agiu com bom senso, pois entrar em um embate não traria compensações ao Paraguai, que naquele momento ainda passava por um processo de reconhecimento por parte de outros países da Europa e da América, e por um percurso de abertura e ampliação do comércio com o exterior. As pretensões americanas envolviam questões econômicas, mas um conflito com o Paraguai provavelmente levaria a um desgaste militar para os EUA, uma derrota militar vergonhosa com alto custo, que acarretaria prejuízos terríveis a uma esquadra inferior em capacidade. Caso conseguissem estabelecer um bloqueio limitado contra o Paraguai, a ação não traria um resultado positivo nem a curto, a médio ou a longo prazo e certamente haveria uma derrota por questões logísticas.

Carlos López talvez estivesse ciente das fraquezas internas dos norte-americanos e que não podiam empreender uma campanha em terra, ou mesmo que uma Guerra Civil estivesse iminente nos Estados Unidos, o certo é que a luta mesmo que curta não traria vantagens a ambos, sabedor disso López não tencionou, e decidiu-se por uma via diplomática.

O Visconde do Rio Branco, em discurso no Senado brasileiro, proferido em 6 de setembro de 1870, lembrou um dado importante sobre a perspicácia do Presidente Carlos Antonio López para lidar com questões internacionais, segundo ele, quando forçado pelas circunstâncias,

[...] e por nossas razões de direito, o presidente Carlos Antonio Lopes franqueou a navegação do rio Paraguai a todas as bandeiras – com a única restrição relativa aos navios de guerra, [...] desde então, os armamentos no Paraguai tomaram maior incremento. Mas o presidente Carlos Antonio Lopes nunca teve em vista a guerra ofensiva: preparou-se sempre para a defensiva (PARANHOS, 2005, p. 450-451).

A assertiva do visconde é bem reveladora da vontade nacional do Presidente Carlos López, um governante armado e preparado para a guerra, porém um negociador, e nesse ponto ele não cometeu o erro que seu filho cometeria contra o Império do Brasil, a República Argentina e a República Oriental do Uruguai em fins de 1864, levando o Paraguai à Guerra.

CONCLUSÃO

Carlos Antonio López tornou-se presidente em 1842, e em 1844 se deu a sua confirmação pelo congresso. Nesse mesmo ano, o Império Brasileiro reconheceu oficialmente o Paraguai como

país. Em 1845, se iniciou o processo de reconhecimento por parte dos EUA com o envio de um “agente especial”, o ex-oficial da Marinha dos EUA Edward A. Hopkins. López, embora rejeitasse o isolamento internacional e propusesse uma política mais aberta, ainda era um governo forte, no qual a liberdade individual e os direitos políticos eram controlados pelo Estado.

O primeiro esforço efetivo do governo americano para estabelecer contato e relações com o Paraguai, em 1845, infelizmente se revelou uma experiência lamentável, em grande parte graças às manobras imprudentes do cônsul Edward A. Hopkins, um homem que poderia ser tomado mais como um aventureiro do que um agente da diplomacia norte-americana.

A impaciência de López diante da questão particular de Hopkins – agravada pela inabilidade em lidar com a situação – aliada à dura resposta de López contra o navio *Water Witch* levaram as embrionárias relações diplomáticas dos países a uma inusitada crise.

A quase guerra entre os EUA e o Paraguai descortinou duas situações dramáticas que envolveria os dois países no início da segunda metade do século XIX. James Buchanan, tentando manter a unidade dos EUA, procurou mostrar que o país possuía capacidade de intervenção para além de suas fronteiras, e por extensão a sua política de mantê-lo unido acabou se tornando sem efeito. A ação com o Paraguai não conseguiu fortalecer um discurso de unidade nacional, e uma guerra secessionista chegou em 1861 para o presidente que o sucedeu, Abraham Lincoln.

Quanto a Carlos López, este não viveu para ver um Estado Guarani forte, possivelmente atuando como mediador das relações exteriores na América do Sul, pois

morreria em 1862; o seu filho assumiu, e os tambores da guerra ressoaram no Prata em 1864.

A história da intervenção dos EUA no Paraguai de algo esdrúxulo e impensável adquiriu contornos de uma guerra quase

real e evidenciou qual seria o destino dos EUA no futuro, ao tempo que também demonstrou a capacidade reativa do Paraguai diante de situações de guerra, a mobilização e disposição com que estavam para enfrentar qualquer ameaça.

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Juan F. Pérez. *Vieja fraternidad Argentina – Paraguay*, Buenos Aires, 1939.

ARAÚJO, Johny Santana de. “El Imperio de Brasil, los estados platinos en el prólogo de la guerra de 1865”, *Caravelle* [Online], 108 | 2017, posto online no dia 1º junho 2017, consultado o 26 maio 2024. URL: <http://journals.openedition.org/caravelle/2338>; DOI: <https://doi.org/10.4000/caravelle.2338>

ARAÚJO, Johny Santana de. Entre a aproximação e a quase guerra: a política externa norte-americana no Paraguai (1845-1859). *Revista História Unisinos*, v. 22 n. 1 janeiro/abril. (2018). Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2018.221.07> Acessado em 10/5/2024.

ARECES, Nidia R.; BOSIO, Beatriz González de. *El Paraguay durante los gobiernos de Francia y de los López*. Asunción: Editorial El Lector, vol. 5, 2010.

BANDEIRA, Luis A. Moniz. *A expansão do Brasil e a formação dos estados na Bacia do Prata: Argentina, Uruguai e Paraguai – da colonização à Guerra da Tríplice Aliança*. 4ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2012.

BUCHANAN, James. *State of the Union 1857 - 08 December 1857*, Groningen: American History – From Revolution to Reconstruction and beyond, Arts Faculty of the University of Groningen, Netherlands.

BUCHANAN, James. *State of the Union 1859 - 19 December 1859*, Groningen: American History - From Revolution to Reconstruction and beyond, Arts Faculty of the University of Groningen, Netherlands.

CARTA de Carlos Antonio López, Presidente del Paraguay al Presidente de los Estados Unidos, Millard Fillmore. 25-02-1851. Archivo Nacional de Asunción ANA-Archivo Histórico de la República del Paraguay AHRP-PY-603-1-3. Unidad documental simple. Catálogo de la Colección Visconde de Rio Branco.

CENTURIÓN, Juan C. *Memorias o reminiscencias históricas sobre la Guerra del Paraguay*, Buenos Aires, Imprenta de Obras, 1894.

CHIARAMONTE, José Carlos. *Nación y Estado em Iberoamérica*. El lenguaje político en tiempos de las independencias. Buenos Aires: Sudamericana, 2004.

CORRISTON, Mark. The Paraguay expedition. 1983 *Thesis* (Master of Arts) Department of Social Science, Emporia State University. 1983.

DENISON, John Ledyard. *A pictorial history of the navy of the United States: embracing a general history of the America Navy, with a particular account of all the most celebrated nava batlles, from declaration of Independence to the presente time*, San Francisco: F. Dewing, 1862.

DORATIOTO, Francisco F. M. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

EXPENSES Paraguay Expedition, *House of Representatives*, 36th Congress, 1st Session, Doc. N^o 86, 11/5/1860.

FITZGERALD, Oscar P. "Profit and Adventure in Paraguay" in BARROW JR, CLAYTON R. (org), *America Spreads Her Sails: U.S. Seapower in the 19th Century*, Naval Institute Press, Annapolis, Maryland, 2015.

FLECHA, Víctor-Jacinto. *Paraguay – República Independiente y Soberana 1813-2013*, Asunción, Centro Cultural de la República "El Cabildo", 2013.

FLICKEMA, Thomas O. The settlement of the paraguay-an-american controversy of 1859: a reappraisal. *The Americas*, 25, 1, (1968).

FREEHLING, William. *The South vs. The South. How ntiConfederate Southerners Shaped the Course of the Civil War*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2001.

FRYMER, Paul. *Building an american empire the era of territorial and political expansion*, Princeton: Princeton University Press, 2019.

HOLT, Michael F. *The Political crisis of the 1850's*. Nova Iorque: Wiley & Sons Inc., 1983.

HORNE, Gerald. *The deepest South: The United States, Brazil, and the African Slave Trade*, New York, New York University Press, 2007.

Harper's Weekly, 1858

HOWARTH, Stephen. *To shining sea: a history of the United States Navy, 1775-1998*, Norman, University of Oklahoma Press, 1999.

JUNQUEIRA, M.A. Ciência, técnica e as expedições da Marinha de Guerra norte-americana, U.S. Navy, em direção à América Latina (1838-1901). *Varia História*. Belo Horizonte, 23,38, 2007.

KLEIN, Philip S. *President James Buchanan: A biography*, University Park, The Pennsylvania State University Press, 1962.

LENTON, Henry T. *Navios de Guerra*, São Paulo, Melhoramentos, 1981.

LEONARD, Thomas M. *United States-Latin American Relations, 1850–1903: Establishing a Relationship*, Tuscaloosa, University of Alabama Press, 1999.

McPHERSON, James M. *Battle cry of freedom: The Civil War Era*. New York: Oxford University Press. 2003

MORA, Frank O.; COONEY, Jerry W. *Paraguay and the United States: distant allies*. Athens, The University of Georgia Press, 2007.

MOORE, John Bassett *The works of James Buchanan: comprising his speeches, state papers, and private correspondence*, Philadelphia/London, J.B. Lippincott Co, vol. VI, 1844-1846, 1909.

MOREIRA, Marília A. S. *A viagem do comandante dos Estados Unidos, Thomas Jefferson Page (U.S. Navy), ao estuário do Prata (1853-1860)*, Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais), São Paulo: Instituto de Relações Internacionais, USP, 2013.

New York Times, 1858/1859.

OFÍCIO de José Falcón, Ministro de Relaciones Exteriores del Paraguay, al Secretario del Departamento de Estado Unidos, Willian Learned Marcy. 23-08-1854. Archivo Nacional de Asunción ANA-Archivo Histórico de la República del Paraguay AHRP-PY-956-1-3. Unidad documental simple. Catálogo de la Colección Visconde de Rio Branco.

OFÍCIO de José Falcón, Ministro de Relaciones Exteriores del Paraguay, al Secretario del Departamento de Estado Unidos, Willian Learned Marcy. 03-10-1854. Archivo Nacional de Asunción ANA-Archivo Histórico de la República del Paraguay AHRP-PY-967-1-5. Unidad documental simple. Catálogo de la Colección Visconde de Rio Branco.

PAGE, Thomas J. *La Plata, the Argentine Confederation, and Paraguay. Being a narrative of the exploration of the tributaries of the River la Plata and adjacent countries during the years 1853, '54, '50, and '56, Under the orders of The United States Government*. New York: Harper & Brothers, Publishers, 1859.

PAMPLONA, Marco; DOYLE, Don H. (orgs.). *Nacionalismo no Novo Mundo. A formação de Estados-Nação no século XIX*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

PARANHOS Jr, José Maria da Silva. *Com a palavra, o visconde do Rio Branco: a política exterior no parlamento imperial*, Rio de Janeiro, CHDD, Brasília, FUNAG, 2005.

PARAGUAI, *Historia documentada de las Cuestiones Entre el Gobierno del Paraguay y el de los Estados Unidos*, Vol 325, Nº 1, Asuncion: Imprenta Nacional, 1858.

PEABODY, Jorge Augusto. Diarios Sudamericanos 1858-1859, *Revista de La Biblioteca Nacional*, 3 (1970).

PETERSON, Harold F. Edward A. Hopkins: a pioneer promoter in Paraguay. *The Hispanic American Historical Review*, 22, 2 (1942).

SAFFORD, Frank. Política, ideologia e sociedade na América Espanhola do pós-independência. In: BETHELL, Leslie (org.). *História da América Latina*. Vol. III. São Paulo: EDUSP, 1999.

SELSER, Gregorio. Liberalismo versus Paraguay, Sociológica, *Revista del Departamento de Sociologia*, 7, 19, 1992.

El Semanario, 1859.

SMITH, Gene Allen; BARTLETT, Larry. "A most unprovoked, unwarrantable, and dastardly attack": James Buchanan, Paraguay, and the Water Witch Incident of 1855. *Canadian Nautical Research Society The Northern Mariner*, 2009, v. 19.

THOMPSON, George. *Guerra do Paraguai*, Rio de Janeiro, Conquista, 1968.

USA. Secretary of the Navy. "Report, Navy Department, December 2, 1859". *The Executive Documents*, Printed by Order of the Senate of The United States, First Session Of The Thirty-Sixth Congress, 1859-60. Vol. III. Washington. 1860a.

YEGROS, Ricardo Scavone; BREZZO, Liliana M. *História das relações internacionais do Paraguai*. Brasília: FUNAG, 2013.

YNSFRAN, Pablo Max. *La expedición norteamericana contra el Paraguay, 1858-1859*, Editorial Guaranía, México-Buenos Aires, 1954, 2 vol.

NOTAS

¹ A historiografia sobre a formação de ambos estados nacionais é muito extensa, mas levando em consideração alguns elementos inerentes ao problema levantado neste texto, em nível geral, podemos indicar: (BANDEIRA, 2012). Sobre o Paraguai e as especificidades da Bacia do Prata, ver os trabalhos de: (CHIARAMONTE, 2004); (PAMPLONA; DOYLE, 2008) e (SAFFORD, 1999). Sobre a ambiência política da região e do Paraguai no período, ver: (ARAÚJO, 2017). Sobre o desencadeamento da crise política entre o Paraguai e os EUA ver: (ARAÚJO, 2018). Sobre os EUA a respeito do governo de James Buchanan: (KLEIN, 1962); Sobre os processos internos e externos que constituíram a formação do estado-nação nos EUA antes da guerra, ver os 11 primeiros capítulos de (McPHERSON, 2003). Sobre as crises políticas que antecederam a guerra civil, entre as quais as dificuldades de manutenção de uma aliança política entre os partidos Whigs e Democratas pelo estabilidade da União ver: (HOLT, 1983). Sobre as diferenças políticas internas entre os estados sulistas, ver os dois primeiros capítulos de (FREEHLING, 2001), pode se intuir que as fraquezas internas entre os sulistas sinalizavam a Buchanan que não haveria secessionismo, assim a tentativa de se mostrar como um estado forte intervindo em um país distante como o Paraguai abriria espaço para o fortalecimento dos EUA. Sobre a construção das bases do chamado destino manifesto, ver: (FRYMER, 2019).

² Lista de navios que participaram da expedição militar, os tipos e os seus comandantes: *Sabine*, fragata, capitão H. A. Adams; navio-capitânia do comodoro W. B. Shubrick; *St Lawrence*, fragata, capitão J. B. Hull, navio-capitânia do comodoro F. Forrest; *Falmouth*, saveiro de guerra, comandante E. Farrand; *Preble*, saveiro de guerra, comandante T. E. Jenkins; *Dolphin*, brigue, comandante Charles Steedman, *Bainbridge*, brigue, tenente-comandante F. B. Renshaw; *Perry*, brigue, tenente-comandante R. I. Tilghman; *Memphis*, vapor, comandante J. B. Marchand; *Atlanta*, vapor, comandante D. B. Ridgely; *Caledonia*, vapor, comandante A. L. Case; *Southern Star*, vapor, comandante A. M. Pennock; *Wes-*

ternport, vapor, comandante T. T. Hunter; *Fulton*, vapor, tenente-comandante J. J. Almy, posteriormente foi o navio-capitânia da frotilha que subiu o rio; *Water Witch*, vapor, tenente-comandante R. B. Pegram; *M.W. Chapin*, vapor, tenente-comandante William Ronckendorff; *Metacomet*, vapor, tenente-comandante W. H. Macomb; *Harriet Lane*, vapor guarda-costa, Capitão John Faunce; *Supply*, navio de abastecimento armado, tenente-comandante F. Stanly; *release*, navio de abastecimento armado, tenente-comandante W. A. Parker (USA. Secretary of the Navy. "Report, Navy Department, December 2, 1859", p. 1137-1138).

³A força naval da Marinha dos EUA no Atlântico Sul recebia nome de *Esquadrão do Brasil* era permanentemente estacionada no Rio de Janeiro e visava coibir a ação do tráfico de escravos provenientes da África. Ver: (HORNE, 2007).

⁴A Marinha dos Estados Unidos na época era uma força de transição como muitas forças navais naquele momento sobre a constituição da Marinha dos EUA, ver: (HOWARTH, 1999). Sobre a natureza dos navios de guerra em desenvolvimento e construção naquele momento, ver: (LENTON, 1981).